

Introdução

Atualmente, o uso de filmes em sala de aula pode ser considerado uma ferramenta que aproxima esse ambiente de ensino e o mundo exterior. Além disso, podemos argumentar que as pessoas aprendem a partir de uma variedade de contextos significativos, e o uso desse material é uma forma de explorar uma vasta gama de aspectos lingüísticos, sociais, psicológicos e culturais.

Lançar o olhar de pesquisadora à realidade de sala de aula de ensino de inglês como língua estrangeira é uma oportunidade para continuar explorando essa prática de uma forma ainda mais questionadora, que permita a mim e aos alunos um engajamento em uma atitude de reflexão sobre o processo ensino/aprendizado. Segundo van Lier (1994), se quisermos, com a nossa prática, transformar a trajetória educacional e a realidade de nossos alunos, essa prática, através de uma teoria que surge nela e retorna a ela, deve examinar o que é necessário fazer para essa transformação se tornar real. Nesse sentido, não deve haver separação entre o teórico e o praticante; ao contrário, na perspectiva de van Lier, deve-se estabelecer uma interrelação dinâmica entre teoria, prática e pesquisa.

Seguindo essa tendência, o professor de língua estrangeira busca redefinir o seu papel no contexto de ensino: de simples reprodutor de conhecimento elaborado por teóricos da disciplina a construtor de propostas pedagógicas que valorizem e respeitem o seu público (o aluno) e o contexto ao qual ele pertence. Segundo Celani (2001) e Motta-Roth (2001), o professor tem procurado redimensionar seu papel no processo de ensino de línguas estrangeiras. Esse reposicionamento o leva a alçar vãos mais altos: assumindo o papel de construtor de conhecimento e pesquisador crítico de sua própria prática.

Na medida em que se reconhece como co-construtor de um pensar sobre a sua atividade, o professor, portanto, pode deixar para trás o papel de cliente e consumidor de pesquisas e de materiais didáticos. É nessa perspectiva que passo, então, a ter uma atitude investigativa em relação ao contexto pedagógico e a repensar e reavaliar os instrumentos que utilizo em meu trabalho. Vale ressaltar que todo o corpus analisado nesse trabalho de pesquisa vem sendo construído ao longo de um período de mais de

dez anos de minha prática pedagógica. No entanto, levantar questões de pesquisa sobre o uso de filmes como recurso didático, sem dúvida, cria também a possibilidade de colocar esses dados, com os quais estou envolvida há anos, numa outra perspectiva, através da qual passo a considerar filmes como instrumento de aprendizagem de acordo com a sócio-construção do conhecimento, a linguagem como sistema sócio-semiótico e fenômeno multimodal.

A seguir passo a expor as justificativas pessoal e teórica do uso de filmes no contexto pedagógico, que explicam a relevância do uso desse instrumento de aprendizagem na sala de aula de inglês como língua estrangeira e, conseqüentemente, a relevância desta pesquisa na área de estudos da linguagem voltada a ambientes pedagógicos.

1.1 Justificativa pessoal

Com bastante frequência, escuto alunos relatarem dificuldade e desconforto que sentem ao lidar com o uso de inglês em situações de comunicação fora de sala de aula. É comum alunos sentirem diferença entre o que têm acesso através do aprendizado na sala de aula e o que efetivamente precisam quando viajam a um país de língua inglesa ou até quando assistem a um programa de televisão ou filme em inglês. Eu mesma posso perfeitamente me lembrar da época em que era aluna e sentia essa mesma dificuldade, ou seja, entender o professor, o colega e o material didático não parecia um problema; no entanto, no momento em que a necessidade de uso da língua se fazia no mundo fora de sala de aula, não me sentia preparada o suficiente para comunicação usando a língua estrangeira (nesse caso o inglês). Portanto, desde que me tornei professora, tenho estado empenhada em minimizar essa dificuldade do uso do inglês em situações de comunicação fora da sala de aula. Fato que pude perceber em mim mesma enquanto aluna, antes de ouvir relatos semelhantes dos meus próprios alunos.

Na verdade, a dificuldade do uso de inglês em situações reais de comunicação é percebida por diversos alunos que se encontram em diferentes momentos de aprendizado independente da sofisticação do material didático a que têm acesso ou ao empenho do professor com quem interagem. O material didático encontrado

atualmente no mercado, incluindo livros, CDs, vídeos pedagógicos, tem se voltado cada vez mais à necessidade de ensinar a língua aproximando a sala de aula e o mundo exterior, o que possibilita maior interação no processo de aprendizado seja entre professor-aluno, aluno-aluno ou aluno-material didático. E ainda, dentro desse contexto, vemos professores cada vez mais conscientes de sua prática através de constante reflexão sobre o processo ensino/aprendizado. Entretanto, a dificuldade de uso da língua inglesa fora da sala de aula continua existindo e é relatada pelos aprendizes.

Acredito que as pessoas aprendem melhor se estiverem motivadas e perceberem que aquilo que estão aprendendo pode ser usado de acordo com seu interesse. Nesse sentido, é interessante considerar a própria percepção dos alunos - que são considerados no âmbito dessa pesquisa como “geradores de entendimento” e não apenas “consumidores” (Allwright, 2003, p.119) - a respeito do uso de filmes como instrumento de aprendizagem em sala de aula de inglês como língua estrangeira. Para isso, foram incluídos alguns relatos em anexo (anexo 2), que mostram como algumas necessidades dos alunos podem ser atendidas a partir do uso de filmes como recurso multimodal de aprendizagem. De forma geral, os alunos relatam inúmeras vantagens relacionadas ao uso de filmes no contexto pedagógico, reconhecendo, sem exceção, a importância de sua contribuição no processo de aprendizagem. Para os alunos, o uso desse recurso ajuda não somente a desenvolver suas habilidades em relação à língua estrangeira, mas também contribui enriquecendo o input lingüístico, incentivando uma atitude positiva no que diz respeito língua inglesa e oferecendo oportunidades de aprendizado.

Sendo assim, a partir desses relatos, podemos afirmar que alunos, em geral, sentem-se mais motivados quando a experiência com a língua ocorre de forma dinâmica. Isso reforça a proposta dessa pesquisa que está baseada em se aproveitar a força dos filmes como um possível recurso didático no aprendizado de inglês como língua estrangeira, isto é, um recurso mediador de significado que faz com que os alunos interajam de diferentes formas frente aos vários signos que compõem os filmes, como linguagem oral, escrita, imagens, movimentos e sons.

1.2 Justificativa teórica

Pode-se argumentar que filmes despertam o interesse dos alunos, que se identificam com a magia da integração da linguagem visual, falada, musical, escrita e a do movimento. A meu ver, servindo de oportunidade para a aprendizagem, o uso de filmes no contexto pedagógico pode diminuir a frustração dos alunos no que se refere ao uso de inglês fora da sala de aula.

Enquanto professores de inglês como língua estrangeira, temos como meta principal tornar alunos capazes de lidar com o mundo fora da sala de aula onde a língua ensinada é regularmente usada. Porém, enfrentamos um desafio particular, já que, diferente de inglês como segunda língua, a língua ensinada não faz parte regular da vida dos aprendizes.

É interessante considerar aqui a proposta de Royce (2002) sobre a necessidade de desenvolvimento de uma *competência comunicativa multimodal*. Segundo este autor, se a construção de sentido de um texto requer a habilidade de compreensão de vários modos de comunicação, os profissionais que lidam com ensino de inglês para alunos de outras línguas precisam estar conscientes da importância da interrelação dos modos visual e verbal. Ou seja, profissionais de ensino de língua inglesa devem oferecer uma abordagem que permita reflexão a respeito da interrelação entre esses dois sistemas semióticos, que se complementam para a realização de um texto multimodal intersemioticamente coerente (Royce, 2002, p.192). O autor valoriza, portanto, cursos em programas de ensino de inglês para alunos de outras línguas (*TESOL programs*) que possibilitam o desenvolvimento de uma competência comunicativa multimodal, enriquecendo a experiência do aprendizado de línguas, através da utilização de vários recursos visuais.

Vejo filmes como uma poderosa ferramenta a ser usada em sala de aula, ajudando o aluno a desenvolver essa competência comunicativa multimodal e, conseqüentemente, se sentir mais confiante em situações reais de comunicação. Os filmes, considerados como um tipo de discurso em que coexistem textos orais, visuais e escritos, podem, então, oferecer uma alternativa de se trabalhar a linguagem de forma mais contextualizada.

É fundamental ressaltar que, apesar de os filmes não serem exemplos de produções textuais autênticas, afinal não podemos negar que existe previamente um script a ser seguido, vejo neles um recurso bem próximo daquilo que se encontra em situações reais de comunicação, isto é, no uso efetivo da língua em interações sociais. Compartilho do mesmo posicionamento que Collins (1990). Ao analisar a compreensão oral dos alunos de inglês através das atividades de resgate e verbalização de trechos de filmes por eles assistidos, a autora justifica sua escolha de filmes de longa metragem pelo fato de permitirem explorar recursos não lingüísticos que contribuem para a compreensão do discurso oral. Além disso, segundo Collins, oferecendo uma ampla variedade de contextos em que podem ocorrer discursos orais, filmes são uma fonte de uso contextualizado de inglês oral. A autora justifica, então, a escolha de filmes ao aproximá-los da vida real sob ponto de vista extra lingüístico, pois argumenta que na vida real a informação não verbal e as fontes extralingüísticas que compõem o significado de um texto audiovisual são fundamentais para o espectador na construção de sentido. Ou seja, nas interações que participamos diariamente, construímos sentido não apenas a partir do que é dito: levamos em consideração tanto o comportamento verbal quanto não verbal do nosso interlocutor. A linguagem verbal é certamente um modo de representação semiótica fundamental; entretanto, não desempenha sempre o papel principal numa interação.

Kress (2000) chama atenção para a “revolução” visual que vem ocorrendo nas últimas décadas e que vem nos obrigando a repensar o papel desse modo de representação nas comunicações. O autor argumenta que a linguagem é um fenômeno multimodal. Segundo ele, o corpo humano possui uma variedade de meios de se engajar com o mundo, uma variedade de meios de percepção, que constituem os nossos sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Cada um deles nos fornece informações diferentes, porém nenhum deles opera isoladamente. É isso que, segundo Kress (2000), garante a multimodalidade do nosso mundo semiótico.

Os filmes, usados como recurso didático, representam uma maneira de se valorizar a crescente importância da imagem no mundo moderno e de se afirmar a necessidade de reconhecimento do papel da multimodalidade no ensino de língua

inglesa. Além disso, é inegável que os filmes apresentam um contexto e permitem aos espectadores o contato com a língua em uso nesse contexto.

Por muitos anos durante a primeira metade do século vinte e alguns anos depois, o ensino de línguas, assim como a lingüística, usava a sentença como a unidade básica de análise. Isso significava que, em ensino de línguas, regras, exemplos, exercícios, atividades focalizavam sentenças isoladas, como resultado de uma abordagem que legitimava a prática da linguagem descontextualizada. No entanto, as sentenças, uma vez separadas de contexto, perdem seu significado real.

Segundo Olshtain e Celce-Murcia (2001), a abordagem comunicativa do ensino de línguas possibilitou que as pessoas se conscientizassem da necessidade de se considerar as características comunicativas dos diferentes usos da linguagem como parte integral dos programas de ensino. O ensino de línguas passou a ter o objetivo de fazer com que o aprendiz seja capaz de se comunicar usando a língua estrangeira, e, portanto, deve permitir que ele tenha experiência e prática com a linguagem em situações de comunicação relevantes.

Para que seja estabelecido um ambiente em que o aprendizado aconteça dentro de uma perspectiva comunicativa é necessário que se criem contextos apropriados para interação e que, assim, o aprendiz tenha oportunidades de processar a linguagem dentro de uma variedade de situações. Sendo assim, as atividades propostas em sala de aula devem promover a perspectiva sociolingüística que acompanha qualquer interação real.

Na verdade, como afirma Kumaravadivelu (1994, p.37), a importância da relação entre língua e contexto já havia sido constatada há quase um século atrás por Sweet (1899/1964) e Vietor (apud Howatt, 1984). Sweet sugeria que o estudo prático da linguagem deve ser conectado com o texto (p. 100); Vietor, que palavras devem ser apresentadas em sentenças e sentenças devem ser praticadas em contextos significativos e não ensinadas como algo isolado.

Hoje acredita-se que características sintáticas, semânticas e pragmáticas não podem ser entendidas como componentes lingüísticos isolados dentro de um fluxo de informação unidirecional (Kumaravadivelu, 1994, p.38).

Torna-se essencial, então, chamar a atenção do aluno para a natureza integrada da linguagem. Uma forma de se fazer isso, segundo Kumaravadivelu (1994, p.38), é por meio de contextualização. Nesse sentido, contextualização refere-se ao uso da linguagem em uma situação concreta.

Kumaravadivelu (1994) conclui, então, que o input lingüístico deve ser contextualizado e afirma que a responsabilidade de contextualização do input lingüístico está mais voltada para o professor do que para o próprio livro didático adotado. Segundo o autor, cabe ao professor criar contextos que encorajem o processo de construção de sentido na sala de aula.

Dessa forma, atividades com filmes podem ajudar no processo de ensino/aprendizado, apresentando os usos da língua dentro de um contexto. Ou seja, o uso de filmes como recurso didático, uma vez incorporado à sala de aula comunicativa, reforça, então, os modelos atuais de ensino/aprendizado, os quais não devem deixar de considerar aspectos da língua na maneira como é usada no dia a dia por falantes nativos.

1.3 Objetivo da pesquisa

A presente pesquisa em sala de aula tem o **objetivo** de investigar o uso de filmes como instrumento multimodal de aprendizagem, tendo como preocupação subjacente analisar que significados referentes aos modos visuais e verbais, tanto dos segmentos de filmes quanto das tarefas (atividades) relacionadas, podem ser explorados no contexto pedagógico. Nesse sentido, investiga-se a interrelação entre os sistemas semióticos visual e verbal, que se complementam para realização de um texto multimodal intersemioticamente coerente.

Vale lembrar que esta pesquisa, ao analisar os segmentos de filmes e tarefas que acompanham esses segmentos, proporciona a mim enquanto pesquisadora a oportunidade de lançar um novo olhar a esses dados, que vêm sendo construídos ao longo de uma trajetória de dez anos de prática pedagógica em que o uso desse recurso didático tem sido constante.

1.4 Questões da pesquisa

A partir do objetivo acima exposto, proponho as seguintes questões: 1- de acordo com a teoria da gramática visual, quais elementos o filme, como instrumento multimodal, oferece para aproveitamento pedagógico na sala de aula de inglês como língua estrangeira? 2- que tipos de dinâmicas (tarefas/atividades) em sala de aula podem ser propostas a partir do uso de filmes? 3- quais objetivos de aprendizado podem estar relacionados a essas dinâmicas?

Essa dissertação está organizada em sete capítulos. O primeiro capítulo corresponde a esta introdução. O capítulo 2 apresenta o embasamento teórico, que inclui três temas principais: conhecimento como construção social, a linguagem como fenômeno sócio-semiótico e a multimodalidade e o uso de filmes no ambiente pedagógico. O capítulo 3 consiste na descrição da metodologia empregada no presente estudo. No capítulo 4, faz-se a análise dos dados, que incluem cinco segmentos de filmes e suas respectivas tarefas. No capítulo 5, os dados são discutidos à luz do três temas principais que compreendem o embasamento teórico; além disso, retomam-se as questões de pesquisa colocadas na introdução, e algumas limitações da análise são também consideradas. O capítulo 6 traz algumas considerações finais sobre o trabalho como um todo. Finalmente, o capítulo 7 inclui as referências bibliográficas utilizadas ao longo desta pesquisa. Somam-se a estes sete capítulos o DVD em anexo, que inclui os cinco segmentos de filmes analisados, dois anexos referentes à listagem extensa dos elementos da mensagem visual encontrados nestes segmentos (anexo 1) e a relatos de alunos a respeito do uso de filmes como instrumento de aprendizagem (anexo 2).

